



ANNIKA HOFMANN

Macro Analyst
Banco de Investimento Global

“I have no red lines, I have only horizons”

- Um confronto com a realidade do processo da integração europeia em 2018

A União Europeia perdeu uma dinâmica valiosa no debate sobre a integração europeia mais profunda, devido à luta atípica na composição governamental na Alemanha. Passaram-se cinco meses até que os partidos de Merkel CDU/CSU conseguissem assinar um contrato de coligação com o seu parceiro final SPD – à custa da perda considerável de poder por Merkel. As ideias ambiciosas por parte de Emmanuel Macron sobre uma integração da união económica e monetária mais profunda, poderão finalmente esperar um feedback tangível e um planeamento de ações por parte de Berlim.

Uma união financeira e monetária mais integrada é essencial para a preparação dos orçamentos fiscais e do setor financeiro

para os próximos tempos menos favoráveis, que enfrentam a conclusão da união bancária da UE, a reformulação do mecanismo europeu de estabilização (ESM), assim como a proibição do dumping fiscal entre os membros. Temos de recuar nove anos para encontrar a última revisão estrutural da UE, o Tratado de Lisboa em 2009. Entretanto, a Europa teve de combater a crise da dívida soberana e manter a união monetária unida. Além disso, a crise dos refugiados testou as alianças e a solidariedade da união. Apesar da eleição de Trump e do referendo sobre o Brexit, a Europa escolheu o caminho pró-europeu e pró-integrativo nos resultados das eleições francesas e alemãs. Hoje, como nunca, o “velho continente” é desafiado a

encontrar uma resposta forte e unida ao pensamento egoísta e nacional por parte do EUA, assim como a tomar uma posição em relação ao comércio livre e integração. O processo da integração europeia deverá materializar em algo menos do que “Estados Unidos de Europa” (como solicitado por Martin Schulz) mas por certo, algo mais integrado do que existe atualmente. Os chefes de Estado têm compreendido a importância de dar respostas tangíveis ao nacionalismo e populismo. No entanto, em termos de conteúdos, as sedes europeias estão distantes umas das outras. O mecanismo de reestruturação automático da dívida pública, a introdução do “Eurobonds” – um sinal vermelho em Berlim – assim

como a figura de um ministro das finanças único para a zona, afiguram-se como pontos extremamente controversos. Com lições aprendidas no decurso da crise europeia, deverá ser tão importante para a Europa do futuro a implementação de corretas configurações técnicas e regulatórias, como incluir todos os Estados-Membros no processo decisório, para – a priori – evitar novas acusações de um “projeto da elite política”. A Europa nunca esteve destinada a ser uma união de transferências, tanto quanto a ser dominada por um núcleo restrito de países com o peso económico mais significativo. “I have no red lines, I have only horizons”. “Audacity is the only answer” – Emmanuel Macron, discurso em Sorbonne, Set 2017.